



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/08/2020 a 27/08/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/08/2020	9,00	290,20	31,41	5,27	3,27
24/08/2020	8,99	289,10	31,66	5,20	3,31
25/08/2020	9,13	291,60	31,98	5,27	3,40
26/08/2020	9,19	291,50	32,24	5,32	3,40
27/08/2020	9,37	294,90	33,31	5,42	3,44
Média	9,14	291,46	32,12	5,30	3,36

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	122,50	
RS – Não Me Toque	122,50	
RS – Londrina	114,00	
PR – Cascavel	114,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	132,00	CIF
GO - Rio Verde	110,00	
BA – L.E.Magalhães	120,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	62,00	CIF
Porto de Paranaguá	59,60	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	49,00	
SC – Rio do Sul	50,00	
PR – Cascavel	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	46,00	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	58,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	57,00	
RS – Não Me Toque	56,00	
PR – Londrina	60,00	
PR – Cascavel	60,00	

Período: 26/08/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 27/08/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	48,17	121,01	56,29

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
27/08/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	78,16
Feijão (saco 60 Kg)	214,71
Sorgo (saco 60 Kg)	37,13
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,91
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,71**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,21

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Julho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago subiram bem durante esta última semana de agosto, após ensaiarem um recuo no início da mesma. O primeiro mês cotado fechou o dia 27/08 em US\$ 9,37/bushel, contra US\$ 9,03 uma semana antes. Vale destacar também que novamente o óleo de soja em Chicago subiu forte, batendo em 33,31 centavos de dólar por libra-peso, valor que não era visto desde meados de janeiro do corrente ano.

Questões climáticas, que fizeram piorar um pouco as condições das lavouras estadunidenses, a constante presença da China no lado comprador e a chegada do furacão Laura no sul dos EUA serviram de motivos principais para as altas da semana. Lembrando que o forte da colheita se iniciará no final de setembro.

Consta que muitos produtores estadunidenses, que imaginavam ter a sua melhor safra de soja depois de muitos anos, começam a questionar esta possibilidade, pois as condições climáticas já não estão tão boas no Meio Oeste estadunidense.

Confirmando esta tendência, o USDA divulgou que, até o dia 23/08, as condições entre boas a excelentes, das lavouras estadunidenses de soja, perderam três pontos percentuais, se estabelecendo em 69% do total. Outros 23% estariam regulares e 8% entre ruins a muito ruins. Ao mesmo tempo, 92% das lavouras estavam em fase de formação de vagens, superando a média histórica que é de 87%.

Por enquanto, as projeções de colheita de soja nos EUA variam entre 118 e 120 milhões de toneladas, confirmando uma safra muito melhor do que a frustrada colheita do ano passado.

Ao mesmo tempo, as exportações de soja por parte dos EUA, divulgadas no dia 27, indicaram um volume de 1,87 milhão de toneladas na semana anterior, para a safra 2020/21. O volume ficou dentro do esperado pelo mercado. Já para a safra 2019/20, que está em final de ano comercial, o volume ficou em 50.400 toneladas, atingindo um volume total anual, até o momento, de 47,5 milhões de toneladas, contra 44,9 milhões estimados pelo USDA.

Diante destas altas em Chicago, associadas a uma nova desvalorização do Real, onde a moeda brasileira ultrapassou os R\$ 5,60 por dólar em alguns momentos da semana, e prêmios firmes, acima de US\$ 1,50/bushel na maioria dos portos, com casos ao redor de US\$ 2,00, elevou-se novamente o preço médio da soja no Brasil.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 121,01/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços registraram os seguintes valores: R\$ 114,00 no Paraná; R\$ 118,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 132,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 110,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 120,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA). Nos lotes, existem indústrias pagando até R\$ 137,00/saco em algumas regiões do Brasil.

Os preços da soja, nos últimos três meses em particular, atingiram um nível excepcional no Brasil. Tomando como base a média gaúcha no balcão, nos últimos sete anos (agosto 2013 a agosto 2020) o ganho nominal no preço da soja é de R\$ 55,06/saco. Além disso, neste ano, pela primeira vez na história da oleaginosa, há

ganhos reais, e expressivos. Tomando a inflação oficial brasileira (IPCA) como referência, o preço da soja praticado em fins de agosto de 2013 deveria valer hoje, em média, R\$ 94,51/saco. Ora, o valor médio praticado está em R\$ 121,01/saco. Ou seja, há um ganho real de R\$ 26,50/saco no balcão gaúcho. Retrocedendo para o auge da colheita no Rio Grande do Sul, em abril passado, isso significa dizer que todo o produtor que vendeu sua soja a partir de R\$ 90,00/saco obteve um ganho real com a mesma em relação aos valores recebidos sete anos atrás. Esta situação oscila conforme os preços médios obtidos nos anos seguintes. Dito de outra forma, nesta safra de 2020, pela primeira vez na história, o preço da soja está repondo toda a inflação do período, como também oferecendo um ganho adicional (real) importante. Nos anos anteriores, em muitos casos, os preços não cobriam a evolução inflacionária, apontando que os produtores, apesar do ganho nominal nos preços, não conseguiam cobrir nem mesmo a inflação do período. Exemplo: no final de agosto do ano passado (2019), o preço médio da soja gaúcha no balcão foi de R\$ 76,53/saco. Isso representou um ganho nominal de apenas 16% sobre agosto de 2013. Para que o saco de soja ficasse igual ao valor de agosto de 2013, seu preço deveria ter chegado a R\$ 92,79. Ou seja, o preço recebido no ano passado não recuperou nem mesmo a inflação do período entre agosto 2013 e agosto de 2019. Ora, neste ano o quadro é totalmente diferente como já se viu. Diante da excepcionalidade do fato, é preciso que os produtores não percam a oportunidade, como aliás já perceberam ao acelerarem as vendas relativas a futura safra, a qual ainda não foi nem mesmo semeada.

Dito isso, novas ameaças de saída do ministro Paulo Guedes do Ministério da Economia acabaram pressionando o câmbio, ao mesmo tempo em que a China, além das compras para 2021, já fez movimentos de aquisição de soja brasileira para 2022. Diante de um quadro de pouca oferta da oleaginosa neste momento, esta situação forçou novas altas de preços no mercado interno brasileiro.

Enquanto a China continuar com atritos político-comerciais com os EUA, fato que deve perdurar até meados de novembro, em função das eleições presidenciais estadunidenses (o presidente Trump, que busca a reeleição, aposta no confronto com a China para conquistar votos), os asiáticos continuarão a buscar a soja sul-americana com intensidade, fato que sustenta os prêmios em nossos portos.

Mesmo assim, é bom frisar que os chineses não abandonaram as compras dos EUA. Na semana passada 64%, de um total de 2,57 milhões de toneladas vendidas pelos EUA em soja, foram para a China.

Dito isso, a demanda brasileira de soja, especialmente para o setor de rações, continua firme, graças a excelente performance exportadora das carnes brasileiras, enquanto a redução de 12% para 10% na mistura do biodiesel ao diesel do petróleo esfriou em parte o mercado interno do óleo de soja.

Quanto às exportações, enquanto o mercado nacional espera que o Brasil atinja a 82 milhões de toneladas em 2020, para o próximo ano a estimativa é de que este volume exportado com soja suba para quase 87 milhões de toneladas. (cf. Conab)

Já a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec) informou que as exportações de soja pelo Brasil, em agosto, recuaram para 6,02 milhões de toneladas, indicando uma redução no ritmo diante da ausência cada vez maior de produto

disponível. Para o farelo as vendas em agosto recuaram para 1,74 milhão de toneladas. Confirmando estes volumes, nos oito primeiros meses do ano o Brasil terá exportado 75,8 milhões de toneladas de grãos de soja (34,4% acima do exportado no mesmo período do ano passado) e 11,7 milhões de toneladas de farelo de soja (11,5% acima do exportado no ano passado).

Na prática, o ritmo de exportação brasileira de soja, daqui em diante, irá diminuir, até a entrada da nova safra, a partir de fevereiro. Além da redução da oferta nacional no momento, a alta dos preços internos colocam o produto brasileiro em níveis menos competitivos na atualidade, especialmente a partir da nova colheita dos EUA. Ou seja, a partir de fins de setembro a demanda mundial por soja se desloca com maior intensidade para os EUA. Neste contexto, a sustentação dos preços internos da soja ficará na dependência da pressão compradora das indústrias moageiras brasileiras e do câmbio.

Dito isso, para 2021 o sentimento é de que dificilmente os preços da soja serão tão bons, pois a associação positiva de diferentes fatores que os elevaram neste ano tende a não ocorrer. Isso serve de alerta para os produtores que ainda não fizeram vendas futuras, embora ninguém possa dar certeza do que virá pela frente.

Soma-se a isso a preocupação quanto a reação mundial contra o descuido brasileiro para com as questões da Amazônia e do meio ambiente em geral. Se o país não melhorar sua postura neste aspecto, o risco de perder mercados irá se acentuar daqui em diante. É preciso consolidar na prática um Código Florestal convincente.

Neste contexto, importante se faz salientar que o consumo de soja certificada pela Associação Internacional de Soja Responsável (RTRS, na sigla em inglês) cresceu 35% no primeiro semestre apesar das dificuldades impostas pela pandemia. Por enquanto, estamos diante de um nicho de mercado, ainda pequeno, porém, o mesmo está ganhando força. No Brasil, o prêmio pago por este tipo de soja chega a 1% do valor normal do produto. As tradings estão buscando este produto visando atender a exigência dos compradores externos. Até junho, o Brasil certificou 685.607 toneladas de soja. No mundo, o total deverá chegar a 5 milhões de toneladas neste ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram bem nesta semana, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (27) em US\$ 3,44/bushel, contra US\$ 3,24 uma semana antes. Estes preços do milho, portanto, voltam aos patamares da primeira quinzena de julho.

Ajudou para isso o clima nos EUA, onde chuvas torrenciais em regiões produtoras causaram prejuízos. Em outros locais, falta chuva consistente. Neste contexto, analistas privados e o próprio governo estadunidense já consideram impossível a safra de milho 2020/21 bater o recorde esperado. Segundo a Pro-Farmer, a expectativa é de uma safra total de 376,4 milhões de toneladas neste momento.

Por sua vez, o índice de lavouras em boas e excelentes condições, nos EUA, recuou cinco pontos percentuais, ficando, no dia 23/08, em 64% do total. Outros 24% estariam

regulares e 11% entre ruins a muito ruins. Esta performance frustrou o mercado, que esperava um quadro melhor destas lavouras. Por outro lado, 88% das lavouras estadunidenses de milho estavam em fase de enchimento de grãos naquela data.

Por outro lado, as exportações de milho por parte dos EUA, na semana anterior, atingiram a 1,18 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Assim, até o dia 20/08 os EUA já venderam 35,8 milhões de toneladas entre soja e milho no ano comercial 2020/21, sendo isso um recorde nos últimos anos. Já no acumulado do corrente ano 2019/20, que se aproxima do fim, o volume total exportado chega a 44,2 milhões de toneladas, contra 45,6 milhões no ano anterior.

Já na Argentina, a colheita do milho estaria encerrada neste final de agosto. O total produzido teria chegado a 58,5 milhões de toneladas, sobre 9,5 milhões de hectares. Para o ano 2020/21 espera-se a mesma área semeada e o mesmo volume colhido, o que se mostra bem superior ao que vem projetando o USDA em seus relatórios mensais. O estoque final na virada do corrente ano comercial, considerando estoques oriundos do ano anterior em 4,75 milhões de toneladas, sofrerão um recuo para 3,61 milhões de toneladas, após 38,5 milhões de toneladas exportadas, 17,25 milhões para a ração animal e 3,89 milhões para a indústria de milho argentina.

Aqui no Brasil os preços do cereal continuam firmes e em alta em muitas praças. O balcão gaúcho fechou a última semana de agosto na média de R\$ 48,17/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 50,00/saco no centro de Santa Catarina e no norte e oeste do Paraná; R\$ 46,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 52,00 em Maracaju (MS); R\$ 58,00 em Itapetininga (SP), R\$ 63,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 50,00/saco em Rio Verde e Jataí, em Goiás.

Na B3, na quinta-feira (27) o vencimento setembro trabalhava a R\$ 59,84/saco, enquanto novembro ficava em R\$ 59,00, janeiro em R\$ 59,17 e março em R\$ 58,30/saco.

Este movimento de alta prossegue mesmo com a colheita da safrinha sendo importante e já chegando ao seu final. A retração dos vendedores do cereal e a desvalorização do Real, que favorece as exportações, assim como uma demanda interna aquecida, estariam entre as principais causas do movimento.

A colheita da safrinha chegava a 86% da área total brasileira no dia 21/08, embora abaixo do realizado no ano passado, que atingia, nesta data, 91,4% de área colhida.

Diante do atual quadro de oferta, a Conab estima que os estoques finais do corrente ano comercial deverão ficar em 10,2 milhões de toneladas de milho, isto é, praticamente o mesmo volume do ano anterior. Dito isso, tais estoques são 17,5% maiores do que os previstos em julho passado. Mesmo assim, eles serão o segundo menor volume de estoque final das últimas sete safras. Entretanto, tudo isso dependerá do volume final que será exportado. Em tal volume não chegando a 35 milhões de toneladas, os estoques irão aumentar no final do ano comercial, puxando para baixo as cotações na entrada da safra de verão (e mesmo antes), caso ela venha normal.

Esta possibilidade não é descartável já que as exportações do cereal, por parte do Brasil, até o momento, estariam quase 50% abaixo do realizado no mesmo período do ano passado.

Dito isso, as vendas externas estão aumentando em agosto. Nos primeiros 22 dias úteis do mês o Brasil exportou 4,8 milhões de toneladas de milho, ficando 16% acima do total embarcado em todo o mês de julho. Todavia, por enquanto a média diária ainda está 2,8% abaixo do registrado em agosto de 2019.

Assim, de janeiro a julho o Brasil exportou 7,44 milhões de toneladas de milho, sendo que os maiores compradores foram Taiwan e o Irã, ambos com 15% do total cada um. Por sua vez, o Mato Grosso ofertou 66,2% do total do milho exportado até então.

No Mato Grosso, com a safrinha colhida, estima-se que a produtividade média tenha ficado em 107,4 sacos/hectare, 3,1% a menos do que a média do ano anterior. (cf. Imea) Já no Paraná, 67% da área teria sido colhida até o dia 24/08, ao mesmo tempo em que o plantio do milho de verão já teria iniciado, atingindo a 1% da área. (cf. Deral) Em Goiás igualmente a colheita da safrinha estaria encerrada, com o volume total superando um pouco as 10 milhões de toneladas, sendo que 60% da safra já teria sido comercializada naquele Estado. (cf. Ifg) Enfim, no Mato Grosso do Sul cerca de 50% da safrinha teria sido colhida. (cf. Famasul)

De uma forma geral, os preços do milho ainda possuem espaço para subir, porém, se o mercado interno se valorizar muito, não se descarta a possibilidade de os exportadores deslocarem o milho adquirido para exportação, ao mercado local, cumprindo os compromissos externos com milho argentino, estadunidense ou da região do Mar Negro (Ucrânia em especial).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago igualmente subiram nesta semana de agosto, fechando a quinta-feira (27) em US\$ 5,42/bushel, contra US\$ 5,19 uma semana antes. A atual cotação do trigo em Chicago não era vista desde a terceira semana de abril passado.

O clima está atrapalhando a performance da colheita do trigo de primavera nos EUA, assim como sua qualidade. Enquanto a colheita do trigo de inverno atingia a 97% da área no dia 24/08, estando praticamente colhido, o trigo de primavera chegava a apenas 49% da área, contra a média histórica de 62% para o período.

Por outro lado, as exportações estadunidenses de trigo, relativas a safra nova, na semana anterior, atingiram a 764.100 toneladas, superando as expectativas do mercado.

Somou-se a isso a quebra de safra que as geadas deste final de agosto teriam provocado na Argentina, um dos maiores produtores e exportadores mundiais, assim como na região de produção do Brasil.

No caso argentino, além de uma área semeada menor em 300.000 hectares do que o inicialmente previsto, a Bolsa de Rosário calcula que as perdas devido a geada do final de agosto podem chegar entre 30% a 50% do total da safra prevista no vizinho país. Além disso, no transcorrer da presente semana houve chuva de granizo sobre muitas regiões produtoras daquele país. A Argentina esperava, inicialmente, colher 22 milhões de toneladas, sendo que 15,3 milhões já estariam comprometidas com o setor exportador. Ora, uma quebra nestas dimensões, se confirmada, causará sérios problemas no mercado argentino, atingindo igualmente o Brasil, seu principal importador.

Aqui no Brasil, os preços do cereal se mantiveram na mesma linha das semanas anteriores, porém, ainda com certo viés de alta. O balcão gaúcho fechou agosto valendo R\$ 56,29/saco, enquanto no Paraná os valores permaneceram entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00, e em Santa Catarina ao redor de R\$ 56,00.

O grande problema agora é a quebra confirmada da safra devido as fortes geadas do final de semana que passou. Há regiões gaúchas que podem ter perdido até 80% da safra, caso no Noroeste, fato que derrubará significativamente a qualidade do produto. No total do Estado, por enquanto, não se descarta uma perda entre 25% e 30% da safra total de trigo esperada. Em Santa Catarina e no Paraná igualmente a situação se tornou crítica. No caso paranaense, a chegada da geada passada pegou 80% dos trigos suscetíveis a prejuízos consideráveis. E novas geadas estão previstas no Rio Grande do Sul até o final de setembro.

Se este conjunto de perdas se confirmar, o volume a ser colhido pelo Brasil diminuirá consideravelmente, aumentando a necessidade de importação em um momento em que a Argentina igualmente enfrenta problemas devido a geada. Desta forma, os preços nacionais do trigo de qualidade superior tendem a não baixar dos atuais níveis, mesmo em época de colheita.

Obviamente, será preciso esperar mais algumas semanas para se ter a dimensão exata dos prejuízos provocados pelas geadas, e até neve no sul, ocorridas neste último final de semana. É bom lembrar que no Paraná, onde a colheita se inicia, o trigo igualmente foi prejudicado pelas intensas chuvas ocorridas em julho especialmente.

Assim, no caso do Paraná, de uma expectativa inicial de colheita ao redor de 3,68 milhões de toneladas, já não se descarta este volume recuar para 2,5 milhões de toneladas, sem falar na queda da qualidade de muito do que será colhido. No Rio Grande do Sul o quadro de perdas pode ser ainda pior, pois a colheita será bem mais tarde, ficando ainda muito suscetível às mudanças climáticas.